



XV Congresso Brasileiro de História  
Econômica & 16a Conferência  
Internacional de História de Empresas  
Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA DE  
PESQUISADORES  
EM HISTÓRIA  
ECONÔMICA

BRASIL E AMÉRICA COLONIAIS

## **Entre Bahia, África, Europa e Canadá: tabaco baiano, mercado atlântico e consumo cultural no século XVIII**

*Between Bahia, Africa, Europe and Canada: Bahia's tobacco, the Atlantic market and cultural consumption in the 18th century*

Matheus Butrucci Gomes; Universidade Federal do Rio de Janeiro;  
matheusbutrucci@hotmail.com.

**RESUMO:** O tabaco baiano possuiu diversos destinos durante o século XVIII. Este trabalho pretende analisar a cadeia-mercantil do tabaco baiano no século XVIII pelo prisma de seus mercados consumidores da África Ocidental e do Canadá, desvendando as mútuas influências entre as relações comerciais e culturais que permeavam estes fluxos. Objetiva-se, assim, recolocar as discussões sobre as transformações nos padrões de consumo modernos tendo como ponto de partida unidades espaciais pouco analisadas nestes moldes. A história das mercadorias e a história atlântica com enfoques econômicos e culturais tem muito a ganhar com o estabelecimento desta perspectiva.

**Palavras-chave:** Tabaco. Cadeia-mercantil. Consumo. Atlântico. Comércio.

**ABSTRACT:** Bahia's tobacco had several destinations during the 18th century. This paper intends to analyze the commodity-chain of Bahian tobacco in the eighteenth century through the prism of its consumer markets in West Africa and Canada, uncovering the mutual influences between commercial and cultural relations that permeated these flows. The goal is, thus, to put back the discussions about the transformations in modern consumption patterns having as a starting point spatial units little analyzed in these ways. The history of commodities and Atlantic history with economic and cultural approaches has much to gain from the establishment of this perspective.

**Keywords:** Tobacco. Commodity-chain. Consumption. Atlantic. Trade.

### **Introdução:**

O século XVII e XVIII são períodos centrais para o campo da história do consumo de



mercadorias. Desde padrões de alimentação até modas de vestimenta, as transformações, mais do que permanências, são postas em alto relevo nesses períodos. Esse campo de análise por muito tempo manteve seus recortes majoritariamente voltados para a Europa. Este trabalho se coloca nesse contexto, procurando incorporar regiões específicas - Baía de Hudson e Costa da Mina - no contexto maior de transformação dos padrões de consumo no século XVIII. Tendo o tabaco baiano como ponto de partida, será visto como diferentes fluxos comerciais - comércio de peles e tráfico de escravos - impactavam e eram impactados pelos sistemas sociais específicos do Canadá e Costa da Mina do século

XVIII. Pretende-se que estas outras regiões participavam do contexto maior de transformação nos padrões de consumo de mercadorias, elas mesmas inseridas no sistema produtivo, comercial e cultural que atuava como principal impulsionador dessas mudanças: o atlântico moderno.

Como ferramenta teórica, as noções de cadeia mercantil, aliadas às reflexões voltadas ao consumo cultural, servirão como ponto de partida da análise empírica deste trabalho. A primeira noção se mostra útil no sentido de oferecer o método de estudo da biografia de uma mercadoria específica, neste caso, o tabaco baiano. O termo "biografia" inclui todo o processo necessário para a realização da função final de qualquer mercadoria, o seu consumo. Nesse sentido, produção, circulação e consumo encontram-se entrelaçados através de diferentes grupos sociais que ocupam diferentes espaços.

Gary Gereffi e Miguel Korzeniewicz (1994, p. 2), proponentes do conceito de cadeia global de mercadoria, deram continuidade a ideia de Wallerstein e Hopkins (1986). Para os autores, a principal vantagem do conceito é enxergar como as diferentes etapas da vida de uma mercadoria - produção, circulação e consumo - são configuradas a partir de relações sociais. Desvendar as relações sociais entre os povos originários da América e comerciantes europeus que eram intermediadas pelo comércio de peles em troca de outras mercadorias, dentre elas o tabaco, e entre os povos africanos e agentes do tráfico de escravos que utilizavam o tabaco baiano como moeda de troca, é um dos caminhos percorridos no qual este aporte teórico nos auxiliará.

Outra obra de importância crucial é a de Sidney Mintz. Em *Sweetness and Power: the Place of Sugar in Modern History* (1985), Mintz analisa o papel que o açúcar desempenhou na constituição dos espaços econômicos, sociais, políticos e culturais tanto na Europa quanto no Caribe. O autor busca atentar para os significados do consumo do açúcar na formação da modernidade, sem perder de vista os condicionantes



**XV Congresso Brasileiro de História  
Econômica & 16a Conferência  
Internacional de História de Empresas**  
Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



**ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA DE  
PESQUISADORES  
EM HISTÓRIA  
ECONÔMICA**

da ponta



produtiva que são indissociáveis das relações de consumo. Ao movimentar o eixo da análise do aspecto produtivo e comercial para o escopo do consumo, é necessário dar elevada importância à relação entre as dimensões cultural e econômica da análise histórica. As reflexões teóricas sobre sistemas culturais de Arjan Appadurai fornece importantes reflexões para pensarmos a dimensão cultural das mercadorias sem necessariamente nos afastarmos de seus componentes econômicos.

A proposta de Appadurai (2008) em pensar a biografia das mercadorias sob uma perspectiva cultural é central nesse sentido:

O que faz uma biografia ser cultural não é o assunto tratado, mas como e de que perspectiva ela aborda o assunto. Uma biografia econômica culturalmente informada de um objeto o encarará como uma entidade culturalmente construída, dotada de significados culturalmente específicos e classificada e reclassificada em categorias culturalmente constituídas (APPADURAI, 2008, p. 94).

Dessa forma, compreender como o tabaco baiano, produzido em Cachoeira - determinado de maneira relacional pelas diferentes fases de sua trajetória: produção, circulação e consumo - ao ser consumido pelas sociedades do entorno da Baía do Benin e das baías de Hudson e James, se inseria em seus sistemas de valores, costumes, crenças e práticas culturais, se mostra um caminho frutífero para a história atlântica e para a história das mercadorias, permitindo acessar aspectos econômicos e culturais no mesmo escopo de análise, reduzindo fronteiras da ciência histórica que muitas vezes foram rigidamente construídas.

### **A produção de tabaco em Cachoeira no século XVIII**

A região dos "campos da Cachoeira", assim chamada nos textos históricos e retomada pelos historiadores, se remetia uma faixa de terra a oeste do Recôncavo. Esta faixa se tornou a região mais importante na plantação de tabaco do Brasil.<sup>1</sup> O Recôncavo Baiano, no século XVIII, compreendia a região de Salvador, sendo Cachoeira, na margem oeste,

---

<sup>1</sup> O tabaco baiano teve, durante muito tempo, papel secundário na historiografia. O enfoque permaneceu por muito tempo, no açúcar, porém, o "primo pobre" (LOPES, 2005) não deixou de ser citado por estudos mais gerais da história da economia brasileira, como em Caio Prado Junior (1942). Na segunda metade do século XVIII, surgiram autores chamando atenção para a importância da história do tabaco baiano como mercadoria de exportação na região. A atenção dada ao tabaco foi crescendo com o passar do tempo, desde José Roberto Amaral Lapa (1968), em seu esquema programático para o estudo do tabaco, e Maria da Conceição F. Cheis (1967), até chegar em estudos especializados no assunto como o artigo de Catherine Lugar (1977), a magistral e clássica obra de Pierre Verger (1987) e o estudo valioso de Jean Baptiste Nardi (1996), além da obra de Bert Jude Barickman (1998), que apesar de não ter um enfoque específico no tabaco por si só, fornece importantes reflexões sobre o tema.



uma das cinco vilas (podendo ser classificadas como municípios) que cercavam a Baía. (BARICKMAN, 2003, p. 39). Com poucas matas, seus territórios se estendiam ao oeste e ao norte a partir do Rio Paraguaçu, passando por São Gonçalo dos Campos e indo mais ao interior, além de ser atravessada pelo rio Jacuípe (BARICKMAN, 2003, p. 43), que exercia papel fundamental nas dinâmicas da região, mantendo o solo produtivo, além de facilitar o transporte dos bens produzidos para Salvador (WIMMER, 1996, p. 75).

É na segunda metade do século XVII que Cachoeira perde o seu caráter de fronteira. Os ataques dos povos nativos deram origem às primeiras investidas de paulistas a soldo do governo geral e assimilaram boa parte da região para a ocupação permanente (PUNTONI, 2002, p. 107-116). Dentro desse contexto de disponibilidade de terras não propícias ao cultivo de cana - que é verdadeiro até mesmo para o final do século XVIII e início do XIX, abriu-se abriu uma fresta para o desenvolvimento de um setor agrícola de pequena escala que se ampliou no período colonial tardio (BARICKMAN, 2003, p. 167).

Ao longo do século XVIII, com o crescimento da demanda global pelo tabaco e com a disponibilidade de terras para expansão do cultivo do mesmo, a região se desenvolveu e aumentou de tamanho. O cultivo inicial de fumo era feito perto da cidade de Salvador, nas franjas da zona açucareira tradicional, mas conforme as entradas foram sendo estabelecidas com sucesso, expandiu-se a fronteira não só para o interior, como também para as planícies e colinas do outro lado do rio Paraguaçu (FLORY, 1978, p. 158-163),

O tabaco foi o estímulo primário a permitir o desenvolvimento econômico da região de Cachoeira. Num período em que o setor açucareiro atingiu seu limite de expansão devido à inadequabilidade do resto do solo do Recôncavo, além do freio na demanda causado pela competição externa das regiões produtoras de açúcar em ascensão no Caribe, "o novo distrito fumageiro ofereceu aos colonos uma variedade de oportunidades econômicas." (FLORY, 1978, p. 158-160).

Já em 1724 é possível atestar a dinamização da região da vila de Cachoeira, numa carta do Vice-Rei do Brasil, Conde de Sabugosa, ao rei D. João solicitando a nomeação de um Juiz de Fora para a vila de Cachoeira:

A vila de Cachoeira se acha hoje com grande negocio, com muitos moradores, e districto dilatada, há causas de grandissimo porte que os Juizes ordinarios não costumão diferir com aquella atenção que meresse a gravidade dellas; e parece me convenientissimo que V. Magestade se sirva mandar se crie hum lugar de Juis de Fora, assim se evitarão muytos absurdos, e quando o anno



passado visitey ao Reconcavo, me pedindo aqueles moradores fizese (sic) esta Representação a V. Magestade que resolverá o que for servido. [grifos nossos].<sup>2</sup>

A partir desta representação podemos verificar como a dinamização da região de Cachoeira - impulsionada sobretudo pela demanda global do tabaco, pela demanda de Minas Gerais por escravos que eram adquiridos em grandes quantidades por negociantes baianos munidos de tabaco (e ouro) como moeda de troca, junto das condições favoráveis oferecidas pela região para o desenvolvimento do cultivo - exigiu também novas representações políticas para tratar das "causas de grandíssimo porte", como os cuidados necessários para o transporte regional do tabaco cultivado, as providências necessárias evitar o descaminho, assim como os cuidados para que o tabaco armazenado nos trapiches não perdesse sua conservação.

As condições do solo, bem como os métodos de produção do tabaco em Cachoeira, somados aos métodos de conservação, contribuíram para que a variedade baiana fosse apreciada nos quatro cantos do mundo. O clima, úmido e quente, se fazia ideal para a variedade tropical do tabaco (WIMMER, 1996, p. 78). A permeabilidade dos solos arenosos e argilosos característicos de Cachoeira também contribuíram para a criação de condições (NARDI, 1996, p. 51).

O processo produtivo compreendia diversas etapas, contabilizadas em doze por Antonil. No final deste processo, quando as folhas já estavam penduradas e secas no galpão de cura - salvo uma parcela que era separada e mantida em forma de folha - eram gradualmente torcidas e o fumo se transformava em uma corda. O líquido produzido durante a secagem era coletado e misturado com uma combinação de substâncias (ANTONIL, 1711, p. 134) que consistia em melaço, banha de porco, anis, manjerição, entre outras ervas, cujo produto se apresenta como um dos aspectos essenciais para a composição do aroma e do gosto do tabaco.

O grau de qualidade do fumo em corda variava conforme a colheita. Antes dele, o fumo em folha, de mais alto grau, era destinado aos mercados asiáticos, principalmente o porto de Goa. Os fumos de corda de primeira e segunda classe deveriam ser levados para Portugal para assim serem consumidos ou reexportados. Os cultivos que não correspondiam ao padrão de qualidade europeu e asiático eram separados como refugo.

---

<sup>2</sup> CARTA do vice-rei e capitão general do Brasil conde de Sabugosa, Vasco Fernandes César de Menezes ao rei [D. João V] tratando da conveniência de se criar um lugar de Juiz de Fora na vila de Cachoeira. AHU-Baía, cx. 18, doc. 12.



Este refugio encontrou seu lugar na África Ocidental, onde representantes de negociantes baianos o trocavam por escravos (BARICKMAN, 2003, p. 64).

### **O tabaco baiano e o tráfico de escravos**

O papel do refugio nos fluxos do tráfico transatlântico de escravos parece ser bastante relevante, principalmente para o caso da Costa dos Escravos e, em menor escala, da Costa do Ouro. A última compreendia sua delimitação do leste da Costa do Marfim, próximo a Axém, até uma pequena área a leste do Rio Volta. A primeira, por sua vez, abrange atualmente os estados do Benim, Togo e Nigéria. Essas duas regiões conformam o que os documentos portugueses denominam de Costa da Mina.

A dimensão geográfica da Costa dos Escravos representa uma interrupção no cinto da floresta tropical úmida presente ao longo da costa da África Ocidental. Essa interrupção, vista como *Benin Gap* ou janela do Benim, foi utilizada, apesar de discordâncias, como explicação determinante para o desenrolar histórico da região, ao facilitar comunicações entre a costa e seu interior e criar condições favoráveis de concentração de atividades europeias. (LAW, 1991, p. 19)

A Costa dos Escravos não representa uma unidade política ou étnica. Ao contrário, o que é evidente é o grande número de povos e estados independentes presentes na região. Contudo, apesar da diversidade étnica e política, a região se apresenta como unidade espacial válida através dos padrões de atividades europeias e também de seus desenvolvimentos internos intrínsecos. (LAW, p. 1991, 14-19). É possível, ainda, atestar alguma unidade geográfica pelas séries de lagoas costeiras que se estendem ao leste do Rio Volta, proporcionando caminhos marítimos navegáveis com canoas paralelos à costa. Esses caminhos facilitaram, por exemplo, a penetração do poder naval do Benim pelas lagoas na parte oriental da Costa dos Escravos, mais próxima da Costa do Ouro (LAW, 1991, p. 21).

Na virada do século XVIII, a Baía do Benim e a Costa do Ouro estiveram entre as regiões mais afetadas pela expansão das redes do tráfico transatlântico de escravos. Estas regiões foram atravessadas por diversas guerras envolvendo estados próximos à costa, transformando guerreiros capturados em cativos. As hegemonias regionais dos reinos de Allada e do Daomé frente aos estados independentes menores marcam as diversas guerras e a consequente produção de cativos na região. Em meados do século XVII, o poder de Allada já estava em declínio, dando lugar, no século XVIII, ao estabelecimento do reino do Daomé através de operações militares extensas (LAW, 1991, p. 30-32).



Dois produtos foram centrais para o estabelecimento dos luso-brasileiros na Costa da Mina: tabaco e ouro. O primeiro, possuía demanda tanto na Costa do Ouro quanto na Costa dos Escravos - além de possuir mercados consumidores nas sociedades africanas, era comercializado com outros poderes europeus através do contrabando - mas foi nesta última que o fumo manteve sua proeminência, se conformando como uma das principais mercadorias importadas por fornecedores africanos nas primeiras décadas do século XVIII, ficando atrás de têxteis e búzios (cauris). Na Costa do Ouro, o tabaco brasileiro ficava atrás do rum do caribe britânico e dos têxteis. (ELTIS, 1999, p. 174).

Após um longo tempo afastados em virtude das conquistas holandesas de territórios como o Castelo de São Jorge da Mina, os negreiros portugueses e luso-brasileiros, especificamente os baianos e, em menor medida os de Pernambuco, conquistaram seu espaço na participação da aquisição de escravos utilizando o tabaco baiano e pernambucano (MARQUES, 2021, p. 687). Os holandeses passaram a permitir a presença portuguesa na África Ocidental a partir de 1689. Com as mudanças nas orientações da WIC, os portugueses precisavam pagar uma porcentagem de 10% dos carregamentos levados em cada navio, com a exigência de que fossem produtos americanos (PRICE, 2005, p. 170). Apesar da liberação holandesa, o comércio português no Benim ainda era baixo entre 1680 e 1690, pois não era capaz de competir com mercadorias importadas por outros europeus, como os cauris. No início do século XVIII, esse padrão foi revertido com a introdução do tabaco baiano e posteriormente do ouro (LAW, 1991, p. 135).

No âmbito interno, os produtores se conectavam por uma rede de mercados locais, escoando o búzio (cauris), como moeda e conformando, assim, uma economia devidamente monetizada. Além disso, as caravanas de terra e canoas maiores que conseguiam navegar nas lagoas e ao longo da costa permitiam a interligação entre os mercados locais. Conectavam-se comerciantes de escravos europeus, fornecedores africanos de escravos e as sociedades do interior da costa da África Ocidental (MANNING, 1998, p. 22-24; 44).

O tabaco baiano dominou as importações da Baía do Benim em relação às outras variedades de tabaco, a saber, o tabaco produzido na Virgínia e em colônias francesas. Além disso, era preferido pelos africanos mesmo em relação ao tabaco pernambucano. Em 1721, o vice-rei de Portugal, transmitindo uma carta do rei de Ajudá para Lisboa, adicionava:





Sobre Ajudá (...) o porto mais celebre de toda aquella Costa, pello que respeita a abundância e grande número de escravos que aly se resgatão. O tabaco he entre eles a amais estimavel droga, sem a qual não podem viver nem passar (...)<sup>3</sup>

Uma carta do forte francês de Uidá, Saint-Louis de Grégory, escrita já em 1750, aborda este aspecto:

Entre os negros, é dada certa preferência ao tabaco do Brasil em relação ao ouro (...) aquele da Bahia de Todos os Santos é muito procurado e preferido ao de Pernambuco.<sup>4</sup>

Entre 1700 e 1750, as exportações anuais de fumo da Bahia para a África passaram de menos de 30 mil arrobas para mais de 200 mil. (BARICKMAN, 2003, p. 64). A porcentagem de tabaco utilizado no escopo do total das mercadorias utilizadas na aquisição de cativos passou de 2% no século XVII, para 8% no século XVIII (KLEIN, 2002, p. 87).

Em 1754, uma carta transmitida ao rei escrita por dom José Caetano Souto Maior, aponta a tentativa de introdução do tabaco de Virginia por franceses na tentativa de adquirir cativos. O autor afirma que sua qualidade é inferior ao refugio baiano, além de seu grau de preservação ser menor:

Da Costa da Mina, donde nos principios deste mez de outubro chegou o Navio invocado N Sr do Bonfim (...) e capitam Manoel Antonio Matheos, q` me afirmou que pela falta que aly tem havido de tabaco deste Brazil (...) e conhecendo os Francezes, q` andão no mesmo negocio da Costa da Mina (...) aonde comerciam a hum e dois rolinhos de tabaco de Virginea (...) tanto que aly se introduzir pelos vassalos de V Magestade nosso tabaco, logo o de Virginea nenhum valor terá, porq` hé muito ruim, ainda se corrompe mais depreça que o que vay do Brazil: mas será preciso cuidar logo neste remedio porque a falta deste gênero não faça costumar os pretos pela necessidade de usarem dele V Magestade mandará tomar neste particular a resolução que parecer mais conveniente (...)<sup>5</sup>

O que fica claro, em suma, é uma certa preocupação por parte dos portugueses em não perder a preferência dada pelos fornecedores de escravos da Costa da Mina ao tabaco baiano. Após 1750, com a diminuição da produção aurífera, declinou junto com ela a demanda por escravos e, com isso, houve uma estagnação da produção do fumo baiano (BARICKMAN, 2003, p. 65). Além disso, a qualidade inferior do tabaco norte-americano

<sup>3</sup> VERGER, Pierre. *Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de todos os Santos: Século XVII ao XIX*. São Paulo, Corrupio, 1987, p. 132. AEB, 13, doc 380.

<sup>4</sup> VERGER, Pierre. *Fluxo e Refluxo...* p. 30. AN, col. C/6/25.

<sup>5</sup> Carta de Dom José Caetano Souto Maior ao rei [D. José] sobre as providências que se devem tomar no comércio do tabaco para a Costa da Mina. Projeto Resgate. Avulsos Bahia. Caixa 121, doc n° 9459



pode ser relacionada não só ao ato de consumo, mas ao seu potencial de preservação. Apesar da tentativa dos ingleses e franceses de introduzir o tabaco produzido na Virgínia nos fluxos do tráfico, o fumo brasileiro prevalecia em relação às outras variedades (PRICE, 1995, p. 171), assim como no caso canadense.

O francês Gourg, em 1789, encarregado de um projeto para concorrer com o tabaco baiano nos circuitos do tráfico, aponta a dimensão da preservação como uma das razões para sua primazia. Além do tabaco brasileiro ser mais

O tabaco do Brasil é melhor torcido, quer dizer, mais açúcarado, mais puro, enquanto aquele que pegamos em Lisboa é preparado com xarope e água do mar, que o resseca mais cedo; isto os negros sabem.<sup>6</sup>

Os métodos de conservação eram diferentes para o tabaco de refugo, e o tabaco de Lisboa, conservado com xarope e água do mar, ao contrário do beneficiamento original utilizado na Bahia. O problema da conservação é um aspecto importante do comércio mundial de tabaco, sendo uma das questões que conformaram o consumo de tabaco para o caso do Canadá.

Além da demanda local pelos dois produtos, como se pode atestar, agentes locais de outras nações europeias ao longo da costa africana buscavam acessar o ouro brasileiro para levá-lo para a Europa e também acessar o tabaco baiano para comercializá-lo com escravos. Os franceses e ingleses podiam acessar o tabaco baiano pela via de Lisboa ou pelo comércio intra-europeu nas costas africanas. Os comerciantes europeus preferiam, ao longo da costa, acessar o ouro ao tabaco, visando levar o metal precioso para a Europa. (RUDERMAN, 2020, p. 232).

Antes do seu papel como moeda de troca, o próprio desenvolvimento da produção aurífera - sustentada pela mão-de-obra escrava - em Minas Gerais no início do século XVIII foi o que impulsionou a inserção portuguesa no comércio de escravos da Costa da Mina. Buscando intensificar a participação no fornecimento de escravos para Minas Gerais, os negociantes baianos procuraram formas de expandir sua penetração no comércio de humanos africanos.

O ouro comercializado por portugueses e luso-brasileiros ia em sua grande maioria para a Europa através do comércio intra-europeu na costa africana ou pela via convencional através de Lisboa. Uma parte desse ouro, mesmo que menor, permanecia

---

<sup>6</sup> VERGER, Pierre. *Fluxo e Refluxo...* P. 30. AN, col. C6/26.



na África. Governantes de Alada, Uidá e Daomé elegeram o ouro como pagamento de taxas portuárias ao fornecer cativos. Outra parte do ouro que chegava no porto de Uidá era usado para contratar exércitos de mercenários para atuar nas guerras da região.

Contudo, como aponta Law e outros autores, o ouro, assim como outras mercadorias, não ficavam apenas restritos ao estado, mas, através de comunidades mercantis, se difundia para toda a sociedade. No Daomé temos indícios do uso dessa mercadoria como ornamento. Nos povos Axante da Costa do Ouro, o ouro conformava um valor simbólico de riqueza, conferindo status a quem o utilizasse como ornamento (MARQUES; ACIOLI, 2021, p. 16).

Ao deslocar o olhar para o comércio intra-europeu, podemos acessar conclusões mais consistentes sobre as mercadorias demandadas pelos povos da Costa da Mina. Apesar dos navios portugueses e brasileiros terem sido capazes de comercializar diretamente tabaco e ouro com mercadores nos portos do Benim, se eles planejavam comercializar em qualquer porto, precisariam não só de uma mercadoria específica, mas sim de uma variedade de produtos, como têxteis e cauris, obtidos de outros comerciantes europeus (RUDERMANN, 2020, p. 240). Esta perspectiva contribui para o posicionamento da demanda africana no centro da explicação dos fluxos. Sem o fornecimento do conjunto de mercadorias específicas, o comércio poderia fracassar. Assim, a forma como os africanos consumiam determinadas mercadorias específicas contribui largamente para moldar a composição dos fluxos de comércio.

O ato de consumo do tabaco era feito, ao menos entre daomeanos, em cachimbos de barro que poderiam ser fabricados localmente ou importados de fora (MANNING, 2011, p. 126). Em, 1733, durante discussões no Conselho de Ultramar de Lisboa, um dos conselheiros, visando atender sobre os interesses da metrópole, discorria sobre o uso de tabaco para a Costa da Mina, afirmando, em certo momento, que "(...) o tabaco que ha de ir para a Costa da Mina se destina só para uzar no cachimbo (...)".<sup>7</sup>

Um viajante, William Bosman, descreveu algumas vezes a presença de cachimbos

Some of them have Pipes made of ruds, which are abou fix foot long; to the end of which is fixed a stone or earthen Bowl, so large that they cram in two or three handfuls of tobacco; wich Pipe thus filled they without easing can easily smoke out; and they are not put to hold their Pipe, for being so long it rests on the ground.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> VERGER, Pierre. *Fluxo e Refluxo*. p. 23. AHU, cod. 254.

<sup>8</sup> BOSMAN, William. *A New and Accurate Description of the Coast of Guinea Divided into the Gold, the Slave, and the Ivory Coasts*. Londres: Ballantyne Press, 1907, Letter XVI, p. 306-307



O autor continua, nos dando pistas, se apreendidas coma devida cautela, para perceber a intensidade da valorização do tabaco nestas sociedades:

All the inland negroes take this tobacco, but those who live among us and daily converse with the Europeans, have Portuguese or rather Brasil tobacco; which, thought a little better, yet stinks to a great degree. Both the Male and Female of the Negroes, are so very fond of this tobacco, that they will part with the very laft penny wich should buy them bread, and suffer hunger rather than be without it; which so enhances the price (...)<sup>9</sup>

Esses cachimbos de barro africanos eram fabricados desde meados do século XVI. Por volta de 1600, cachimbos de haste longa também começaram a ser feitos de argila queimada. As representações artísticas de cachimbos da África Ocidental e as semelhanças estilísticas em relação aos cachimbos do Golfo da Flórida e do México sugerem que, no início do século XVI esses produtos estavam circulando no atlântico, sendo largamente encontrados em suas margens por pesquisas arqueológicas (LEMIRE, 2021, p. 6-7).

Apesar das discussões sobre a introdução do tabaco e o cachimbo para fumo terem sido introduzidos por portugueses, franceses ou ingleses na África Ocidental, há algum consenso de que o costume se difundiu rapidamente ao longo da savana, tornando o tabaco e o cachimbo um costume comum na África Ocidental (PHILIPS, 1983, p. 303-319).

Não só o tabaco, mas o escopo das mercadorias importadas pelos traficantes europeus se difundiu pela sociedade ao invés de se tornar um luxo elitista. A maioria das importações chegavam mais nas mãos de setores mercantis do que propriamente para os estados. Embora esse comércio propiciasse benefícios para uma classe rica restrita, os têxteis europeus e asiáticos, cauris das Maldivas, ouro mineiro, tabaco baiano, entre outros itens adentravam com força e dispersão no sistema de consumo africano do século XVIII (MANNING, 1998, p. 24). O costume de fumar tabaco pelos povos africanos foram conservados pelos cativos transportados para a América. Tanto o ato de fumar quanto o uso do cachimbo eram formas de incorporação da África ancestral na cultura afro- americana cotidiana (LEMIRE, 2021, p. 18).

---

<sup>9</sup> BOSMAN, William. *A New and Accurate Description of the Coast of Guinea Divided into the Gold, the Slave, and the Ivory Coasts*. Londres: Ballantyne Press, 1907, Letter XVI, p. 306-307.



Assim, o comércio clandestino de tabaco produzido em Cachoeira, o boom de produção aurífera em Minas Gerais - que impulsionou a busca por escravos - e o acesso dos negociantes baianos a este ouro criaram as condições para a ascensão da classe mercantil de negociantes baianos. Mas, estas condições não se realizariam sem o suprimento da demanda africana por mercadorias específicas como o tabaco e o ouro. Enquanto isso, a demanda do sistema de consumo africano era suprida com uma oferta permanente de mercadorias europeias, marcada pela exigência sofisticada de mercadorias.

### **O tabaco baiano e o comércio de peles**

Um dos destinos menos explorados do tabaco baiano é o da Baía de Hudson e do Rio St Lawrence. O *black tobacco* se tornou um dos itens cruciais nas redes de comércio que ligavam ingleses e franceses aos fornecedores de pele nativos do Canadá. Os comerciantes europeus adquiriam peles provenientes da caça de diversos animais, lince, martas e alces, mas a mais valiosa dessas peles eram as de castor (INNIS, 1999, p. 96- 97).

Crescia, assim, um interesse particular na chamada *castor gras* ou *coat beaver*: peles de castor usada por um nativo por pelo menos uma temporada. Este tipo específico de pele havia perdido seus longos pelos devido ao desgaste e atrito com o corpo, sendo considerada bastante valiosa pelos chapeleiros pelo fato de possuírem uma camada macia de emaranhado de pele de castor. Esta "transformação" constituía o primeiro estágio de processamento desta camada de pelo em feltro, matéria prima para os chapéus (RAY; FREEMAN, 1978, p. 30-31).

O consumo de peles como vestimenta possuía diferentes significados para cada sociedade. Enquanto no Canadá as peles eram usadas como roupas de inverno para aquecer a pele, na Europa elas eram matéria-prima para roupas luxuosas. Os consumidores europeus destes itens estavam mais preocupados, ao contrário dos nativos canadenses, com a aparência, qualidade e custo do que com o aquecimento provocado pelo material. Desde finais do século XVI, chapéus de castor ocuparam o centro da moda para homens e mulheres da alta classe da sociedade europeia (WIMMER, 1996, p. 200).

Nos anos posteriores a 1700, o castor já era a fonte principal de pele. Com envios de 300.000 peles anualmente da Nova França para os portos franceses. Estas peles advindas do território que conhecemos como Canadá, principalmente no entorno da Baía de Hudson e James, e em menor medida advindas de Nova York, supriram as



XV Congresso Brasileiro de História  
Econômica & 16a Conferência  
Internacional de História de Empresas  
Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA DE  
PESQUISADORES  
EM HISTÓRIA  
ECONÔMICA

principais indústrias de chapéu da França, Rússia, Holanda e Inglaterra, que por sua vez sustentavam



diferentes mercados. O chapéu de castor é visto como uma mercadoria enquadrada nas "novas luxúrias" do mundo atlântico moderno - um símbolo de interações coloniais em escala global. (LEMIRE, 2018, p. 56). Entre 1700 e 1770, sabe-se que a Inglaterra exportou mais de 21 milhões de chapéus de castor. Até a década de 1760, a maioria dos chapéus produzidos para exportação foram destinados a Espanha, Portugal e suas colônias da América, especialmente o Brasil.<sup>10</sup>

A demanda por este chapéu - uma força culturalmente concebida - determinou e foi determinada pela dimensão regional da produção de peles (nesse caso, a caça). O mesmo serve para o tabaco baiano: a demanda pelo fumo, uma força culturalmente concebida, se encontra intrínseca às redes de comércio e aos eixos produtivos do tabaco no mundo atlântico.

Além disso, nas regiões em que o comércio de peles penetrava, "*made beaver*" se tornou a moeda comercial, a principal medida de equivalência para o funcionamento das trocas. "Castor pronto" subentendia que a pele do castor estava limpa, tratada e pronta para o comércio (LEMIRE, 2018, p. 57). A adoção desta medida de equivalência comercial é um sinal de transformação e impacto nas próprias sociedades nativas, indicando uma transformação não só em sua dimensão econômica, mas na própria relação destas sociedades com o mundo biofísico, neste caso, com os animais, especialmente o castor.

Já no século XVII, o fornecimento de peles de castores por parte dos nativos agricultores do Sul do Canadá e estabelecidos mais próximos dos fortes franceses decaiu rapidamente e a organização do comércio com os nativos caçadores e coletores do norte canadense ganhou cada vez mais importância (INNIS, 1999, p. 48). A massa de recursos animais a oeste da James Bay, segundo Bishop, provavelmente declinou entre 1670 e 1725, sendo o castor e o caribou as duas espécies mais afetadas. Segundo o autor, o desenvolvimento de práticas de caça sofisticadas aos castores contribuiu para o seu provável esgotamento (BISHOP, 1984, p. 43-44). Os dados que sustentam esta sugestão consistem no aumento do número de martas comercializadas em Fort Albany: de 123 em

---

<sup>10</sup> Em 1750, 556.000 chapéus de castor foram exportados da Inglaterra. Portugal recebeu 175.000 e Espanha 110.000. Carlos, Ann M., e Frank D. Lewis. *Commerce by a frozen sea: Native Americans and the European fur trade*. University of Pennsylvania Press, 2010.



1702 para 1.790 em 1719 (RAY; FREEMAN, 1978, p. 168-69).

Ter no âmbito de análise a relação entre caça e transformação de ecossistemas pressionadas pela demanda global de determinadas mercadorias e as forças produtivas empenhadas para satisfazer tal demanda é um frutífero caminho para o que Donna Haraway (2008) propõe como uma “história multiespécies”. Castores e outras espécies de animais foram constantemente caçados e seus ecossistemas foram, conseqüentemente, transformados em uma nova intensidade a partir do estabelecimento do circuito do comércio de peles nativo-europeu que se desenvolvia.

Com o declínio da presença francesa na América portuguesa, o Império francês transferiu suas atenções para a costa do Canadá. No início do século XVI, pescadores franceses, bascos e portugueses lançaram expedições regulares de pesca para a costa que, junto do transporte de peixes para a Europa consistiram na principal atividade econômica da região até o início do século XVII (ECCLES, 1990, p. 10-11).

As primeiras expedições frequentemente obtinham um pequeno número de peles. (TRUDEL, 1973, p. 55). Apesar de ter sido pequena no início do século XVI, a demanda por peles na França e em outros países da Europa aumentou concomitantemente com o aumento da oferta. O comércio de peles, ao lado da pesca, representou uma forma de pagar os custos de continuidade da exploração, colonização e esforços missionários. (ECCLES, 1990, p. 15)

A produção de tabaco nos territórios do império francês era rodeada de problemas. A Revolução do Açúcar nas Antilhas francesas na década de 1640 fizeram com que a produção de tabaco nas colônias da Martinica e Guadalupe definhasse, restringindo a produção à St Domingue numa escala limitada até 1707, com constantes problemas de superprodução e baixos preços e pouca qualidade (PRICE, 2005, p. 169). No século XVIII, a produção de tabaco em Louisiana alimentou o mercado francês. Entretanto, apesar de incentivos do Estado, a produção naquela colônia era bastante baixa na primeira metade do século XVIII. Este fato esteve associado à relutância de parte dos imigrantes franceses em viver do cultivo de terras (USNER, 1990, p. 41-42). O monopólio francês teria, portanto, que pagar um preço muito alto para que o cultivo de tabaco fosse atraente para os imigrantes. As mesmas dificuldades de meio século atrás em St Domingue reapareciam agora. No momento da perda da colônia francesa durante a Guerra dos Sete Anos, Louisiana não havia se tornado uma fonte significativa de suprimento de tabaco para a França (PRICE, 2005, p. 170).





Foram nestas condições que o tabaco baiano ganhou espaço tanto nos mercados da França como no comércio de peles canadense, tendo este último o fator singular da preferência de consumo nativa. A própria rivalidade entre os comerciantes franceses e ingleses na oferta de mercadorias e realização do comércio com nativos contribuiu para o uso contínuo do tabaco brasileiro nas duas redes de comércio (HENNEPPIN, 1853, p. 207). Os ingleses, ao perceberem a importância do tabaco brasileiro no comércio euro-canadense, tentaram, num primeiro momento - sem sucesso - introduzir o tabaco produzido na Virgínia (WIMMER, 1996, p. 213).

Após a introdução francesa do tabaco baiano na região do Rio St. Lawrence, o desenvolvimento do tabaco baiano como uma mercadoria central para o comércio na Baía de Hudson foi assegurado pelo seu uso regular no comércio inglês. Mesmo sob os imperativos do mercantilismo, o tabaco brasileiro, impulsionado pela demanda nativa aberta pelos franceses, superou a variedade doméstica de Chesapeake (WIMMER, 1996, p. 227).

Com a ajuda de comerciantes franceses insatisfeitos com a coroa, a Hudson Bay Company é criada em 1670 com a missão de adentrar no comércio e competir com os franceses. Os nativos do entorno da Baía de James, faixa sul da Baía de Hudson os mais interiorizados ao Sul, já possuíam contato com mercadorias fornecidas pelos franceses antes de 1670. Auxiliados por franceses como Pierre Radisson, os ingleses atuaram no sentido de fornecer mercadorias que já estavam inseridas no sistema de consumo nativo pelos franceses (RAY, 1980).

Os estudos sobre o comércio de peles levantam uma variedade de questões, como a dependência nativa do comércio, a correlação de forças presente nos circuitos de troca, a intensidade da destruição da biomassa de recursos, as transformações no cotidiano das sociedades nativas pelo comércio e a importância da demanda nativa no fornecimento de mercadorias pelos europeus. A última se mostra mais importante para os objetivos deste trabalho, nos permitindo acessar aspectos do consumo nativo de tabaco e outras mercadorias, bem como sua mútua influência em relação ao comércio.

Arthur Ray (1980) mostrou como o tabaco brasileiro ficou no topo da lista de prioridades dos nativos, atestando o nível de exigência de consumo nativo sobre um item teoricamente não-essencial. Antes de 1722, o acesso inglês se dava através do intermediário de Londres, que comprava o tabaco brasileiro de Lisboa e assim fornecia para o circuito do comércio de peles. Depois de um carregamento insatisfatório de tabaco brasileiro



vindo de Londres naquele ano, os comerciantes de peles optaram por buscar o acesso direto em Lisboa.

O tabaco brasileiro, contudo, se inseria no conjunto mais amplo de mercadorias comercializadas pelos europeus. Os nativos passaram a acessar, portanto, novas mercadorias como panelas de ferro, cobertores, facas e armas de fogo, teoricamente superiores aos utensílios de pedra, osso e madeira. Apesar disso, o arco e a flecha continuaram a ser usados para caça mesmo após o acesso nativo às armas de fogo. Este fator pode ser utilizado para relativizar a dependência nativa em relação a mercadorias europeias, que parece cada vez mais posta em cheque pelos historiadores (RAY, 1980; CARLOS e FRANK, 2010; LEMIRE, 2018).

Num movimento inverso ao raciocínio da dependência, é necessário inserir a demanda nativa como principal impulso para a oferta selecionada de mercadorias pelos comerciantes europeus, processo semelhante ao caso da Costa da Mina. A própria existência dos postos dependia da vontade dos comerciantes nativos em viajar centenas de quilômetros até a baía com suas peles. Isso só seria feito se os mesmos estivessem satisfeitos com as mercadorias fornecidas pelos ingleses, podendo, dependendo do caso, optar por negociar com os concorrentes franceses (CARLOS, 2010, p. 75).

Algumas questões específicas levavam a demanda de consumo nativa por itens europeus a possuir um caráter restrito. Bens de metal eram itens populares pelas sociedades nativas, acostumadas com as tecnologias de pedra. Contudo, eram o principal alvo de reclamações nos períodos iniciais. Produzidos em climas temperados, não eram feitos para suportar as condições climáticas subárticas, sendo alvo de inconsistências, indo do congelamento de armas até o enfraquecimento do metal, além das marcas de rachadura originadas durante sua fabricação. Itens que quebravam ou se desgastavam podiam levar consumidores insatisfeitos a diminuir o seu desejo de aquisição por bens de má qualidade (RAY, 1980, p. 260-262).

Em uma carta de 1739, James Isham redigia uma carta indicando as diversas reclamações dos nativos sobre outras mercadorias. As reclamações, por mais que tivessem motivações reais, também podem ser interpretadas como um exercício de poder de barganha em um contexto de competição - intensificado entre 1730 e 1755 - entre franceses e ingleses (RAY, 1980).

Para Wimmer (1996, p. 201-202), o tabaco brasileiro representava uma solução parcial para o problema das mercadorias, tendo seus problemas de conservação superados



pela natureza viciante do tabaco e pelo fato de o mesmo já possuir um lugar especial na cosmologia nativa. Os montanheses, algonquianos, hurões e outros grupos nativos forneciam peles aos franceses e ingleses por missangas, armas, ferro e mantas, que eram aplicáveis à estrutura cultural nativa. A valorização do tabaco baiano e a exigência de consumo nativa pode ser atestada em uma das cartas pertencentes ao conjunto de correspondências entre o Governo britânico e várias companhias e indivíduos presentes na América do Norte:

We have sent with you a sufficient supply of trading goods, provisions, and stores in several particulars more than was intended for (...) and if the Indians complain that the quantity of Brazil tobacco you give them for a bear skin is too small, as you find occasion for their encouragement, but not to exceed a 1/4.<sup>11</sup>

Esses grupos possuíam uma concepção de economia totalmente diferente daquela que habitava no imaginário europeu. A cultura nativa valorizava a generosidade, o ato de compartilhar e o valor de uso dos objetos. A propriedade privada possuía muito menos valor para os nativos da América do que para os povos europeus. O status era conquistado através de façanhas em conflitos e da distribuição de bens para outros, enquanto na Europa a posse individual de itens altamente desejados era um dos fatores de aquisição de status (RAY; FREEMAN, 1978, p. 58). Recuperar a especificidade antropológica, sociológica e temporal destas sociedades, como sugere Manning (1998, p. 29) para o caso africano, se mostra como um horizonte frutífero. Nesse sentido, pretendemos recuperar a especificidade sociológica e antropológica do tabaco no conjunto mais amplo da cosmologia nativa.

As populações originárias da América consumiam a planta de diferentes formas e com diferentes objetivos. Antes de tudo, o tabaco se insere num conjunto de plantas alucinógenas consumidas pelas diferentes sociedades dos grupos nativos da América, como a datura e a Ayahuasca. Comparado a outras plantas, cujo uso poderia ser letal, o que fez do tabaco único entre as plantas do Novo Mundo foi o fato de que seus efeitos são em alguma medida previsíveis e controláveis, de curta duração e não podem causar riscos fatais como outras plantas utilizadas por essas sociedades. Encontramos esta mesma explicação para o caso da dispersão do consumo de tabaco entre marinheiros

<sup>11</sup> Official General Outward Correspondence, 1727-1737, disponível em Archives of Manitoba - Official general outward correspondence (minisisinc.com)



européus nos períodos iniciais da Conquista. Dessa forma, o tabaco atingiu um vasto leque de funcionalidades de consumo, sendo usado nas suas mais variadas formas e objetivos. (GOODMAN, 1994, p. 22-23).

A planta podia ter usos simbólicos, medicinais, alucinógenos em práticas xamânicas, ritualístico, cerimonial, além de estar presente em funções sociais formais. Nenhum desses usos era mutualmente exclusivo. Além disso, apesar de algumas tentativas de análise, as diferenças de consumo entre as populações ameríndias do Sul e do Norte não são tão claras como poderíamos imaginar. Como afirma Goodman, nessas sociedades "o uso do tabaco formou um complexo continuum" (GOODMAN, 1994, p. 23).

Contudo, é possível notar alguma hierarquização nos significados do consumo. A principal função do tabaco era a de produzir alucinações em rituais xamanísticos (GOODMAN, 1994, p. 23). O consumo de tabaco no âmbito xamanístico era feito em escalas muito maiores do que o uso "recreacional". O objetivo do consumo durante o ritual era gerar efeitos psicotrópicos, abrindo caminhos para o contato com o outro mundo (WILBERT, 1987, p. 17).

O significado do tabaco para a reciprocidade mágico-religiosa entre o xamã e os espíritos reside em duas áreas. A primeira está relacionada às propriedades farmacológicas da nicotina. O impacto farmacológico rápido causado pela substância causava mudanças físicas e mentais ao xamã, sendo simbolicamente traduzidos como um estado de transe e de voo. A segunda se traduz na crença de que a ingestão de tabaco alimentava os espíritos. Nesse sentido, o ato de fumar tabaco era como o símbolo da energia vital, carregando consigo o poder de alimentar os anseios dos espíritos (GOODMAN, 1994, p. 25).

Os nativos mobilizavam o sobrenatural por um número de observações e rituais que podiam ser performados por diferentes indivíduos e, neles, o tabaco era frequentemente queimado para abrir a comunicação com os espíritos da natureza e a fumaça do cachimbo era soprada sobre um objeto que habitava o *manitou*.<sup>12</sup> Além disso, durante dificuldades, o sacrifício de tabaco, peles ou armas para os espíritos poderiam impedir adversidades naturais (AXTELL, 1986, p. 16-17).

O tabaco baiano desempenhou um importante papel não só no comércio direto, mas também estabelecimento de relações diplomáticas entre europeus e nativos através de



**XV Congresso Brasileiro de História  
Econômica & 16a Conferência  
Internacional de História de Empresas**  
Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



**ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA DE  
PESQUISADORES  
EM HISTÓRIA  
ECONÔMICA**

<sup>12</sup> Termo utilizado para definir uma manifestação espiritual de grande importância na cosmologia nativa.



cerimônias de amizade que precediam e estabeleciam o contexto em que ocorria o comércio. Enquanto a cerimônia ocorria, comerciantes europeus e nativos fumavam junto um cachimbo, considerado como um gesto de aliança (WHITE, 1991, p. 50-51). A utilização do tabaco como um gesto de aliança entre diferentes grupos é anterior ao contato euro-canadense, sendo parte das relações interamericanas da região desde tempos remotos.

A maneira mais comum de utilizar o tabaco, apesar de suas variedades, era através do ato de absorver a fumaça gerada pela queima de folhas, fosse tanto de maneira indireta

- atirando as folhas em fogueiras ou em pedras quentes, respirando a fumaça jogada no ar
- quanto de maneira direta, através de artefatos utilizados para aspirar a fumaça gerada pela combustão das folhas de tabaco processadas, como o cachimbo (GERNET, 1995, p. 69-70).

Os métodos de consumo, assim como os significados do consumo, também variavam bastante. Há o consenso na historiografia de que os ameríndios desenvolveram diversas maneiras de utilizar a planta. Algumas eram comuns para diversas partes da América. Dentre elas, podemos enumerar o hábito de cheirar um pó gerado de folhas secas (conhecido hoje como rapé), além da ação de mastigar bolas curtas feitas a partir do tabaco curado. Alguns grupos sociais costumavam ingerir o extrato da planta, tanto pela boca quanto pelas narinas, fosse em forma de chá ou de algo próximo de um suco. O líquido produzido pelas folhas também era espalhado na pele ou até mesmo servir de enema (WILBERT, 1987, p. 101-103).

O fato de o tabaco, assim como a coca, mitigar a fome e a sede, é explicado cientificamente a partir do contato do cérebro humano com os neuro receptores do sistema dopamínico-mesolímbico, em que o principal alcaloide do tabaco induz o cérebro a enviar a sensação de saciedade (CONCEIÇÃO; BRACHT; SANTOS, 2013, p. 129). Quanto aos artefatos utilizados para o consumo, encontramos diferenças para os casos da América do Norte e Sul. Para a América do Sul, o uso dos cigarros predominou. Tais cigarros podiam medir até um pé de comprimento e um centímetro de diâmetro (WILBERT, 1987, p. 64- 121).

Os primeiros relatos do uso de cachimbo se encontram nos povos Iroqueses da região de Montreal, no Canadá. O consumo de cachimbo foi bastante disseminado na América do Norte. Pesquisas sobre o tema aparecem frequentemente relacionadas à



XV Congresso Brasileiro de História  
Econômica & 16a Conferência  
Internacional de História de Empresas  
Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA DE  
PESQUISADORES  
EM HISTÓRIA  
ECONÔMICA

aplicação de métodos da arqueologia para análise de artefatos, em sua maioria cachimbos,



de diferentes materiais, formas e tamanhos. Contudo, as comunidades caçadoras e coletoras da América do Norte fumavam uma grande variedade de plantas, desde folhas de teixo, salvia, datura e uva-de-urso. É possível que os cachimbos tenham se originado entre qualquer uma das espécies utilizadas pelos nativos da América do Norte, sendo somente depois adaptados ao tabaco (TUSHINGAM; EERKENS, 2021, p. 214).

O simbolismo do cachimbo é desvelado a partir do momento em que diversas etnias das grandes planícies norte-americanas e nas regiões compreendidas entre os Grandes Lagos, montes Apalaches, rio St. Lawrence e o litoral atlântico (bem como os algonquinos, huronianos e montanheses) consumiam o tabaco em cachimbos de pedra e argila em praticamente todo espaço de sociabilidade ou de festividade (CONCEIÇÃO; BRACHT; SANTOS, 2013, p. 125). O lugar do cachimbo no âmbito geral de consumo do tabaco na América do Norte é muito bem resumido nesta passagem:

Ao curso do milênio, o "*smoking complex*" parece ter evoluído para uma espécie de xamanismo democratizado em que o uso de cachimbos era, em vários casos, não mais restrito aos especialistas médico-religiosos. Como resultado, cachimbos estavam entre os mais importantes recursos nos registros arqueológicos norte-americanos. (GERNET, 1995, p. 68).

As evidências arqueológicas e etnohistóricas sugerem que os cachimbos eram altamente valorizados. Os acessórios de fumo da América Antiga recuperados arqueologicamente na camada oriental da América do Norte eram feitos de pedra e, mais frequentemente de argila. Escritores franceses e ingleses do início da Conquista observaram que cachimbos ameríndios também eram manufaturados a partir da cana, madeira, ossos, chifres e até mesmo garras de lagosta (GERNET, 1995, p. 71).

O uso de cachimbos, contudo, incluía outros acessórios e técnicas de queima: acender em uma lareira usando carvão ou uma marca de fogo, enquanto em viagens, o fogo era produzido por bastões de fricção ou pelo impacto entre pedras. No século XVII, esses métodos rudimentares foram suplementados com a geração de fogo através de espelhos, aços e caixas giratórias adquiridas através de comerciantes ingleses e franceses (GERNET, 1995, p. 71).

Os cachimbos se difundiram e enraizaram pelo globo assim como o próprio tabaco. O que ocorreu, em suma, foi um grande movimento de difusão do consumo de tabaco que se deu nos territórios europeus, africanos e asiáticos, além de suas próprias transformações no interior da América, como é o caso canadense. Concomitantemente,





processos como as transformações nos padrões de consumo, a criação de complexos agrícolas de produção de matéria-prima na América e a intensificação do comércio transatlântico, impulsionada pelo aumento da oferta e da demanda de mercadorias do Novo Mundo e pela prática predatória do tráfico transatlântico de escravos, se imbricavam e incluíam e eram incluídos pela relação da humanidade com o tabaco, fosse através de seu valor de uso ou de seu valor de troca.

A inserção do tabaco produzido na América portuguesa no circuito do comércio de peles parece ter sido ao mesmo tempo produto e resultado das práticas culturais das sociedades nativas da América do Norte, tornando clara a relação destas com os fluxos de comércio do Atlântico no século XVIII. Como descrito anteriormente, uma longa história de práticas milenares de consumo do tabaco atravessa estas sociedades. Por isso, não é possível entender a amplitude dos processos que rondam a cadeia-mercantil do tabaco no século XVIII, sem incluir a história do consumo ameríndio no enquadramento.

### **Conclusão**

O presente estudo revela como a análise da trajetória de uma mercadoria permite explorar diversas faces da história da humanidade. As práticas de consumo de tabaco pelas sociedades nativas da América; a difusão do consumo de tabaco pela África Ocidental; a configuração das redes comerciais e financeiras que ligavam diferentes regiões do atlântico setecentista e seus núcleos consumidores; o processo produtivo do tabaco e suas influências no resto da cadeia; todos esses diferentes aspectos integram a grande história da cadeia mercantil do tabaco baiano. Por mais que tratados em diferentes seções, são partes indissociáveis de qualquer análise que se comprometa a explorar a cadeia mercantil do tabaco baiano em sua amplitude.

A exploração dos significados do consumo deste mesmo tabaco para sociedades remotas - que, normalmente, não são vistas como parte das transformações mais amplas nos padrões de consumo durante a Era Moderna - se torna essencial para colocarmos a discussão dos padrões do consumo em uma perspectiva que subverta a centralidade da Europa no tema do consumo de mercadorias durante o período moderno.

Mais do que a dicotomia entre cultura e economia, mais do que o conflito entre escalas analíticas globais, regionais e locais, foi mostrado, através da integração destas categorias e escalas, como separações rígidas provenientes de diferentes posições historiográficas não são necessariamente excludentes, permitindo a abertura de potencialidades analíticas como a deste estudo.



## FONTES PRIMÁRIAS

MANITOBA. Official General Outward Correspondence, 1727-1737, disponível em Archives of Manitoba - Official general outward correspondence (minisisinc.com)

CARTA do vice-rei e capitão general do Brasil conde de Sabugosa, Vasco Fernandes César de Menezes ao rei [D. João V] tratando da conveniência de se criar um lugar de Juiz de Fora na vila de Cachoeira. AHU- Baía, cx. 18, doc. 12

Carta de Dom José Caetano Souto Maior ao rei [D. José] sobre as providências que se devem tomar no comércio do tabaco para a Costa da Mina. Projeto Resgate. Avulsos Bahia. Caixa 121, doc n° 9459

BOSMAN, William. A New and Accurate Description of the Coast of Guinea Divided into the Gold, the Slave, and the Ivory Coasts. Londres: Ballantyne Press, 1907, Letter XVI.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AXTELL, James. *The Invasion Within*. Oxford University Press, 1986.

APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Ediora da Universidade Federal Fluminense. 2008.

BARICKMAN, Bert Jude. *Um Contraponto Baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARLOS, Ann M.; LEWIS, Frank D. *Commerce by a frozen sea: Native Americans and the European fur trade*. University of Pennsylvania Press, 2010.

CHEIS, Maria da Conceição J. F. *O tabaco do Brasil nos quadros da economia portuguesa no séc. XVII*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1967 (Dissertação de Mestrado em História).

ECCLES, W. J. *France in America* (East Lansing: Michigan State University Press, 1990)

ELTIS, David. *The Rise of African Slavery in the Americas*. Cambridge University Press, 1999.

FLORY, Rae Jean Dell. *Bahian Society in the mid-colonial period: the sugar planters, tobacco growers, merchants, and artisans of Salvador and the Recôncavo, 1680-1725*. Austin: The University of Texas, 1978, tese (doutorado).

FURTADO, Celso M. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional, 1982.

GEREFFI, Gary; KORZENIEWICZ, Miguel; POLITICAL ECONOMY OF THE WORLDSYSTEM CONFERENCE. *Commodity chains and global capitalism*. Westport, Conn.: Greenwood Press, 1994

GERNET, Alexander von. Nicotian Dreams: The prehistory and early history of tobacco in eastern North America. In: GOODMAN, Jordan; LOVEJOY, Paul; SHERRATT, Andrew. *Consuming Habits: Drugs in History and Antropology*. Nova York: Taylor & Francis, 2005.

GOODMAN, Jordan. *Tobacco in History: the cultures of dependence*. London: Routledge, 1994

HARAWAY, Donna J. *When species meet*. University of Minnesota Press, 2008.

HENNEPIN, Louis. *Discovery and Exploration of the Mississippi Valley*. New York: Refield. 1853.



HOPKINS, Terence K.; WALLERSTEIN, Immanuel: *Commodity Chains in the World Economy Prior to 1800*. Review (Fernand Braudel Center), v. 10, n. 1, p. 157-170, 1 jul. 1986.

INNIS, Harold. *Fur trade in Canada, the: An introduction to Canadian economic history*. University of Toronto Press, 1999.

LAPA, José Roberto do Amaral. *Esquema para um estudo do tabaco baiano no período colonial*. Afro-Ásia, Salvador, n. 6-7, jun. e dez, 1968.

LAW, Robin. *Ouidah: The social history of a west African slaving port 1727-1892*. James Currey, 2004.

---. *The Slave Coast of West Africa, 1550-1750: The Impact of the Atlantic Slave Trade on an African Society*. Clarendon Press, 1991.

LEMIRE, Beverly. *New Approaches to Economic and Social History: Global Trade and the Transformation of Consumer Cultures : The Material World Remade, c.1500-1820: The Material World Remade, c.1500- 1820*. Cambridge University Press, 2018.

--- *Material technologies of empire: The tobacco pipe in early modern landscapes of exchange in the Atlantic world*. MAVCOR journal, vol. 5, no 1, 2021, doi:10.22332/mav.ess.2021.4.

LEVY, Maria Bárbara; SAES, Flávio A. M. de. Dívida externa brasileira, 1850-1913: empréstimos públicos e privados. *História Econômica & História de Empresas*. São Paulo, v. 4, n. 1, p. 48-91, 2001.

LOPES, Gustavo Acioli. *A ascensão do Primo Pobre: o tabaco na economia colonial da América portuguesa - Um balanço Historiográfico*. SAECULUM. [12]; João Pessoa, 2005

MANNING, Patrick. *African studies: Slavery, colonialism and economic growth in Dahomey, 1640-1960* series number 30. Cambridge University Press, 2011.

---. *Escravidão e mudança social na África*. *Novos Estudos*, nº 21. 1998, p. 8-29.

MARQUES, L. *Cadeias globais de mercadoria e a história colonial das Américas*. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 49, p. 668-697, set/dez. 2021.

--- "O Ouro Brasileiro e o Comércio Anglo-Português de Escravos." In: *História e Historiografia Do Trabalho Escravo No Brasil: Novas Perspectivas*, edited by Henrique Ré, Laurent Saes, and Gustavo Velloso. São Paulo: Edusp, prelo.

METCALF, George. *A Microcosm of why Africans Sold Slaves: Akan Consumption Patterns in the 1770s*. *The Journal of African History*, 1987, vol. 28, no. 3, pp. 377-394.

MINTZ, S. W. *O poder amargo do açúcar: produtores escravizados, consumidores proletarizados*. Organizado por Christine Rufino Dabat. Recife: Editora Universitária UPFE, 2003.

NARDI, Jean Baptiste. *O fumo brasileiro no período colonial: lavoura, comércio e administração*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

PHILIPS, J. Edward. *African Smoking and Pipes*. 1983, p. 303-319.

KARL, Polanyi e ROTSTEIN, Abraham. *Dahomey and the slave trade*. University of Washington Press, 1967.

PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo: Brasil Colônia*. 6. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1961 [1942].

PRICE, Jacob. *Tobacco use and tobacco taxation: a battle of interests in early modern Europe*. In: GOODMAN, Jordan; LOVEJOY, Paul; SHERRATT, Andrew. *Consuming Habits: Drugs in History and Anthropology*. Nova York: Taylor & Francis, 2005.

PUNTONI, Pedro. *A guerra dos bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720*. São Paulo: Hucitec; Edusp; FAPESP, 2002.



RAY, A; FREEMAN, D.B. *Give Us Good Measure: An economic analysis of relations between the Indians and the Hudson's Bay Company before 1763*. University of Toronto Press. 1978.

RAY, Arthur. *Indians as Consumers in the Eighteenth century*. In: Carol M. Judd and Arthur J. Ray, eds., *Old Trails and New Directions: Papers of the Third North American Fur Trade Conference* (Toronto: University of Toronto Press, 1980) [E-reader version]. Recuperado de [Kindle \(amazon.com\)](https://www.amazon.com).

RICH, E. E. *Fur trade and the northwest to 1857*. Oxford University Press, 1967.

RUDERMAN, Anne Elizabeth. *Supplying the Slave Trade: How Europeans met African Demand for European Manufactured Products, Commodities and Re-exports, 1670- 1790*. Connecticut: Tese de Doutorado, Yale University, 2016.

---. "Intra-European Trade in Atlantic Africa and the African Atlantic." *The William and Mary Quarterly*, vol. 77 no. 2, 2020, p. 211-244. Project MUSE, doi:10.5309/willmaryquar.77.2.0211.

SANTOS, C.F; BRACHT, F; CONCEIÇÃO, G.C. *Esta que "é uma das delícias, e mimos desta terra...": o uso indígena do tabaco (N. rustica e N. tabacum) nos relatos de cronistas, viajantes e filósofos naturais dos séculos XVI e XVII*. TOPOI, v. 14, n. 26, jan./jul. 2013, p. 119-131.

SCHWARZ, Stuart B. *Sugar plantations in the formation of Brazilian society*. Bahia, 1550- 1835.

BISHOP, Charles. *The first century: Adaptative Changes among the Western Bay Cree between the Early Seventeenth and Early Eighteenth Centuries* In: KRECH, Shepard. organizador. *The subarctic fur trade: Nativ esocial and economic adaptations*. UBC Press, 1984.

TRUDEL, Marcel. *The Beginnings of New France 1524-1663*, translated by Patricia Claxton (Toronto: McClelland and Stewart, 1973)

TUSHINGHAM, S; EERKENS, J.W. *Hunter-Gatherer Tobacco Smoking in Ancient North America: Current Chemical Evidence and a Framework for Future Studies*. In: TUSHINGHAM, S; BOLLWERK, E.A. m (eds.), *Perspectives on the Archaeology of Pipes, Tobacco and other Smoke Plants in the Ancient Americas, Interdisciplinary Contributions to Archaeology*. Suíça, 2016.

USNER, Daniel H. *Indians, settlers, and slaves in a frontier exchange economy : the Lower Mississippi Valley before*.

VERGER, Pierre. *Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de todos os Santos: Século XVII ao XIX*. São Paulo, Corrupio, 1987.

WHITE, Richard. *The Middle Ground. Indians, Empires and Republics in the Great Lakes Region, 1650-1815*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

WILBERT, Johannes. *Tobacco and shamanism in south America*. Yale University Press, 1993

WIMMER, Linda. *African Producers, European Merchants, Indigenous consumers: Brazilian Tobacco in the Canadian Fur Trade, 1550-1821*. (Tese de Doutorado) Ann Arbor, 1996.